

Todos estes títeres que se movem no livro—memórias biográficas dum conquistador de alta roda—vivem ao lado uns dos outros, casam-se, beijam-se, dão-se, sem se chocarem um premente contacto humano. As suas vidas roçam-se de passagem sem se sentirem, cada um levado pelo seu egoísmo, pelo seu gozo. E o escritor não se coloca de fóra, em posição valorizadora de crítico, deixa caminhar as suas muito simpáticas e muito estúpidas—desprevenidamente através dessa atmosfera frívola e imoral de adultérios e grotescas tiradas de raciocínios tolos.

Podem-se descrever ambientes e cenas imorais com moralidade—Eça e Flaubert fizeram-no—lavando cenas e ambiente num banho de crítica sã e cáustica ironia.

Nos livros em que Júlio Dantas inventa para a nossa literatura o seu tipo de mulher, não simpáticas leitoras—imaginosas encontramos uma base de séria observação crítica que encaminhe o leitor a distinguir o bem do mal na direcção moral do autor.

//

Há uma nova mulher que Júlio Dantas parece desconhecer e não entra nos seus livros inúteis.

A mulher trabalhadora—que comanda conscientemente a sua vida livre e difícil, rebelde à submissão ao homem. Há mulheres que sobre páginas de livros ou na outra realidade—a mais sentida—da vida, caminham numa existência activa e cheia, combatendo rijamente adversidades, trabalhando para se sustentarem a si e aos seus, vibrando emoções enérgicas dum vida rica a beber por suas mãos as alegrias e os desânimos da sua luta.

Ao contrário da mulher tradicional—vítima do lar, esta nova mulher que brotou do ferver das convulsões sociais contemporâneas, achou-se desprotegida, entregue à corajosa confiança em si própria.

O homem-amoroso (tipo na literatura—Bernardim) deixou lugar ao homem-social (Romain Rolland), que não dá ao amor a importância absorvente dos românticos. Porisso baixou o valor amoroso da mulher—que era até hoje o seu único valor.

Na necessidade de dirigir-se e ganhar o pão entrou nos escritórios e nas fábricas, e a atmos-

Pouco pode interessar-me o que vier depois da morte,  
se outros não-de vir preencher o meu lugar, na vida.  
Se outros não-de vir e criar beleza, encher o mundo,  
na imparável sucessão das gerações.  
Se outros não-de viver, plenamente, o amor;  
—já partidas as amarras,  
ancorados já todos os portos,  
desnuda a imensidão do céu,  
liberta, enfim, e consciencializada a terra toda!

Nada pode interessar-me, na vida, senão o que é da mesma vida.  
A morte explica a imparável sucessão das gerações:  
é como viático da própria vida.  
Só a vida prende o meu interesse:  
—por mim e pelos outros, que não-de vir,  
pela beleza, que perdura e se renova,  
pelo amor, que não é fim, nem princípio,  
que é sempiterno presente.

Pouco pode interessar-me o que vier depois da morte,  
se outros não-de vir e criar beleza, encher o mundo:  
ah! mas que sejam para sempre as amarras partidas  
e a terra já consciencializada, possa rolar, enfim, liberta!

ANTÔNIO GAMEIRO

De «A minha condição de escravo», em preparação.

féra dura do trabalho temperou—  
lhe uma personalidade robusta.

A nova mulher é um animal social como o homem—escolhe a orientação da sua consciência, alimenta a inteligência da cultura masculina e coopera numa nova cultura criando ideias novas, descobre o rádio e é Curie, liga dois povos pela diplomacia é Colontai, tece peças de pano e é a obreira humilde e desconhecida duma fábrica.

Este novo tipo de mulher autónoma que arranca a independência do seu trabalho, que pensa com o seu cérebro, que se traçou numa conduta consciente, a-pesar-de saber o esforço que o viver consciente exige, actuando numa liberdade difícil a querer com a sua vontade, entrou já na literatura de outros países: é a Ana de Saugar, a Josefa de Ilsa Frapan, a Françoise Hondon e Cecília de Rolland, a Ana

Mahr de Hauptmann, e muitas outras.

A literatura portuguesa não inventa escolas, segue de longe as inovações estrangeiras.

Esta nova mulher existe já na nossa vida social, sente-se em tudo a sua actividade audaciosa, o seu passo rápido anima as ruas das nossas cidades.

O escritor português ainda a não meteu na literatura, está à espera que as literaturas estrangeiras se definam e avancem para lhe imitar os processos de transformação.

Oxalá isto não seja tam tarde que esta novidade já tenha envelhecido, passando a constituir a base comum que outra novidade se levantará.

E oxalá não seja Júlio Dantas o introdutor desta nova mulher no campo da nossa literatura.

MANDO MARTINS